

O meu amor é verde

São histórias de luta e paixão por esta 'casa comum' que liga a humanidade, como sublinhou o Papa Francisco em *Laudato Si*, o primeiro documento católico que relaciona a fragilidade do planeta aos mais pobres. Traçamos o perfil de sete ambientalistas portugueses, que aplaudem a encíclica

Texto de Sónia Balasteiro com Patrícia Cintra

Foi o amor pelas flores que o envolveu «desde muito pequeno». Hoje, Filipe Duarte Santos, nascido em Lisboa há 73 anos, é um nome incontornável quando se fala em alterações climáticas, com uma prolifera e prestigiada carreira internacional que inclui a participação no Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas das Nações Unidas.

Foi no seio familiar que começou este amor, transmitido por uma prima afastada da família, Mathilde Bensaúde, reputada botânica e investigadora do século XX. «Era bastante pequeno quando fiz o meu primeiro herbário», confidencia o físico. Felizmente para a ciência, também os estios passados na Serra da Estrela davam oportunidade a Filipe Duarte Santos de aproximar-se mais da Natureza e de observar de perto a beleza de animais e plantas. O 'bichinho' estava plantado.

Já na juventude, enveredaria por Geofísica na Universidade de Lisboa, tendo come-

çado então a dedicar-se ao estudo do clima. Doutorar-se-ia, pela Universidade de Londres, em Física Nuclear Teórica.

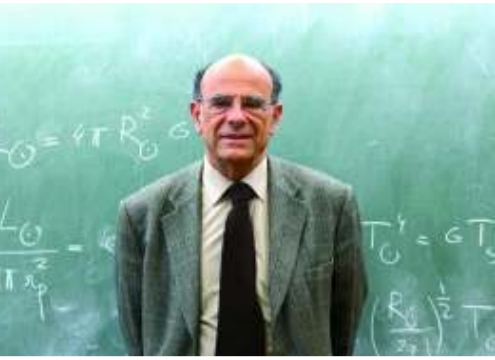
Ainda nos anos 80, tornou-se professor visitante na Universidade de Wisconsin, EUA, onde já havia um intenso debate sobre a ação humana e seus efeitos sobre as concentrações de gases de estufa, e percebeu que «o clima estava a mudar em Portugal e que tudo seria afectado»: «Temos um país magnífico em paisagem, de biodiversidade, e mantê-la tornou-se uma preocupação», conta. Estava-se em 1987 quando «com base numa análise internacional» percebeu que a temperatura iria aumentar. E seria ele quem coordenaria o primeiro e único Livro Branco sobre o Estado do Ambiente em Portugal, publicado em 1991.

Na universidade onde estudou, é professor catedrático de Física e fundou, na Faculdade de Ciências, um pequeno grupo de investigação que olha para o futuro das alterações climáticas e tenta apontar ►

GETTY IMAGES



FILIFE DUARTE SANTOS
«Somos nós quem está em risco»



ANTÓNIO PEDRO SANTOS

RICARDO SERRÃO SANTOS dedica-se à
investigação da biodiversidade dos oceanos



ANTÓNIO PEDRO SANTOS

SÍLVIA RIBEIRO coloca cães em reba-
nhos para salvar o lobo ibérico



JACQUIM PEDRO FERREIRA

JOÃO JOANAZ DE MELO
As barragens são a sua maior luta



JACQUIM PEDRO FERREIRA

soluções. «Hoje, são já 32 pessoas. Eu gosto de acompanhar, de os aconselhar. Trabalho com um grupo de pessoas muito motivadas e interessadas nestas questões», confidencia. As questões de que fala são os desafios ambientais que a humanidade tem de enfrentar: «Quando falamos em alterações climáticas as pessoas pensam ‘lá vêm os ambientalistas outra vez dificultar’. Mas estas são questões universais. Nós alterámos a composição da atmosfera: hoje tem mais 42% de dióxido de carbono que no século XVIII. E há os gases com efeito de estufa, o metano. Está provado: o planeta tem uma temperatura média de 15 graus. Estimámos que quando a temperatura aumentasse dois graus em média, os efeitos seriam muito negativos. Já aumentou 0,8 graus!»

As consequências, até em Portugal, já começam a sentir-se: menos chuva e mais períodos de seca. E mais secas significam «mais incêndios, mais fome, mais conflitos». Em discurso directo: «Não é o planeta que está em risco, ficará até melhor sem a nossa acção. Quem está em risco somos nós».

Um mundo por salvar

Poucos desconhecem o seu nome. Viriato Soromenho-Marques, professor catedrático de Filosofia da Universidade de

Lisboa, mantém desde há muito presença arreigada na imprensa, através de crónicas, de comentários e entrevistas sobre os mais diversos temas. E, aos 57 anos, continua imparável. Talvez por manter a convicção que o move desde os tempos de liceu, em Setúbal: «Continuo a acreditar que é possível mudar o mundo», ri. «Ainda sou um pouco infantil nisso».

Comunicador por excelência, Soromenho-

«Era bastante pequeno quando fiz o meu primeiro herbário», recorda o físico Filipe Duarte Santos

-Marques sempre teve o Ambiente como princípio basilar de diálogo. Foi essa necessidade de diálogo entre as ciências que o levou a enveredar por Filosofia, licenciatura que completaria em 1979.

O amor pela Natureza chegara antes, «bastante cedo» na sua vida, estudava ainda no Liceu de Setúbal: «Comecei a fazer montanhismo e a participar em escaladas com um grupo de amigos na Serra da Arrábida, em Sintra, no Gerês. Percebi o quanto sublime é a Natureza, bela e assustadora ao mesmo tempo».

Prestes a completar 15 anos, outro acontecimento levava-o a olhar para o mundo que o rodeava com olhos mais atentos. «Em 1972, estreou na televisão portuguesa o primeiro programa dedicado à Natureza, com

o Luís Filipe Costa, o **Há Só uma Terra**, foi extraordinário», exulta o filósofo.

A triade de motivos que o levaram a interessar-se pela sustentabilidade fica completa com um livro publicado em 1973, **Os Limites do crescimento**, que preconizava um modelo sobre as consequências do crescimento rápido da população mundial considerando os recursos limitados da Terra.

Em 1978, Viriato Soromenho-Marques iniciava-se na sua primeira organização de defesa do ambiente, a Setúbal Verde, que seria depois absorvida pela Quercus. Era o início de uma intensa actividade cívica e associativa até, entre 1992 e 1995, tornar-se presidente da mais representativa associação de conservação da Natureza do país, a Quercus. Esse papel, confessa, foi dos que mais o marcaram: «As posições da Quercus afectaram na prática as políticas de ambiente do país, nomeadamente nos resíduos hospitalares e na reciclagem».

Mas, com excepção da Quercus, as organizações não governamentais são «frágeis», considera o filósofo, que alia uma intensa actividade além fronteiras, onde deu centenas de conferências, e é membro de várias organizações científicas, a uma vida activa em associações e instituições portuguesas. Coordenou, por exemplo, o Gulbenkian Ciência, entre 2007 e 2011, outra experiência de que se orgulha.

Na Filosofia, continuam a apaixoná-lo a «procura de resposta às questões fundamentais, o diálogo entre os múltiplos sabe-

res». Só com diálogo há «capacidade de ver o panorama global».

Aos 57 anos, assume a mesma crença dos 15: «Podemos gostar de peças diferentes, mas não podemos ter uma peça em que se destrua o palco. Temos de deixar o palco da vida disponível para as gerações seguintes».

Amar cães e lobos

Com Sílvia, tudo começou nos Verões passados em casa dos avós, nas Caldas da Rainha. Fazia questão de passear os cães da família, de dar de comer e de beber aos coelhos, de ajudar com todos os bichos. Ela própria não se recorda exactamente quando começou a paixão. «Os meus pais dizem que, aos seis anos, já passava os dias a cuidar dos animais». E há fotos da bióloga a prová-lo.

O interesse pelo bem-estar animal guiaria o seu caminho até ao curso que acabou por escolher, conta Sílvia Ribeiro, responsável pelo Programa Cão de Gado, do Grupo Lobo. Um projecto que, em 2011, lhe valeu a distinção para mulheres empreendedoras da área do ambiente Terres de Femmes, atribuída pela organização francesa Yves Rocher.

Antes de escolher o curso, ainda balançou entre veterinária e biologia. Mas as cirurgias inerentes à primeira levaram-na à investigação. A uma «área de fronteira», como a própria define. E ainda no final do curso de biologia, na Faculdade de Ciências

da Universidade de Lisboa, ficaria definido o seu percurso: «Adorava a cadeira de conservação, dada pelo professor Petrucci da Fonseca», recorda.

Petrucci da Fonseca, responsável pela criação do Grupo Lobo, organização não-governamental que se dedica desde 1985 à conservação do lobo ibérico, um dos carnívoros mais ameaçados do nosso território, convidou-a então a iniciar o projecto que

Em 1978, Soromenho-Marques iniciava-se na sua primeira organização de defesa do ambiente, a Setúbal Verde

ainda hoje lhe ocupa os dias e o coração: o Programa Cão de Gado. «Candidatámo-nos a apoios europeus e conseguimos avançar». Era o ano de 1996 e Sílvia tinha 24 anos.

Com o seu amor pelos cães, que mantém desde pequena, foi apenas natural dedicar-se ao Programa Cão de Gado, que consiste em recuperar a utilização de raças de cães gado, como o cão de castro laboreiro, o cão Serra da Estrela, o Cão de Gado Transmontano ou o rafeiro do Alentejo, que foram deixando de ser utilizados pelos pastores ao longo do século XX à medida que o lobo desaparecia do território. «Raças muito especiais, que aprendem a proteger animais que não são da sua espécie mas que consideram como família de uma espécie que é o seu antepassado».

Dezanove anos de aventura depois, garante, é «gratificante manter um equilíbrio tão frágil», perceber que os comportamentos dos criadores por onde o Grupo Lobo passou mudaram: «Em Covas do Monte, ninguém estava interessado em ter cães de gado. Foi difícil. Agora já começam a ter, sobretudo os criadores mais jovens».

A ameaça das barragens

A Natureza sempre fez parte da vida de João Joanaz de Melo, engenheiro de Ambiente de 52 anos aos comandos do Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente (GEOTA), função de activista da Universidade de Lisboa. «Desde pequeno que tinha o hábito de acompanhar o meu pai ao campo», recorda.

Uma tia, que então trabalhava na Direcção-geral das Florestas, e os seus interesses da adolescência em desportos de ar livre – tinha 12 anos quando começou a fazer espeleologia –, o gosto por jogos de montanha e de praia e as temporadas na quinta em que vivia a avó foram influências determinantes para a sua ▶



VIRIATO SOROMENHO-MARQUES
acredita em preservar o 'palco da vida'



JOSE ALBUQUERQUE

EUGÉNIO SEQUEIRA
Tudo começou com uma horta



JOSE SERENO

«predisposição para as questões ambientais».

Era ainda praticamente uma criança quando conheceu Carlos Pimenta, precursor das políticas ambientais em Portugal, que o convidaria, anos mais tarde, a criar um *think tank* para o tema – era o nascimento do GEOTA. «Tinhamos o mesmo grupo de praia. Na altura ele teria 20 anos, eu 12, e ouvia as discussões entre ele e a minha tia». O *background* familiar seria determinante para o que faria na sua vida e o convite de Pimenta, anos mais tarde, foi encarado como «uma oportunidade de aprender».

Em 1985, terminava o curso com uma «consciência mais sólida» do mundo e iniciou o seu percurso em investigação. A actividade associativa manteve-se «paralela». Um ano mais tarde, fundava o GEOTA, que o fez sentir uma «maior responsabilidade».

Hoje, com uma «convicção mais madura» do seu amor pela Natureza e da necessidade absoluta de «alterar a rota de colisão, provocada por nós» com o Ambiente, João Joanaz de Melo quer, simplesmente, «deixar um mundo melhor». E tornou-se

um dos rostos mais visíveis da luta contra o Plano Nacional de Barragens, «a maior ameaça ao ambiente e à biodiversidade»

em Portugal, a sua maior preocupação actual e o foco da sua luta. E não é uma luta de um só homem: «É um trabalho civilizacional com parceiros».

Lamenta o facto de Portugal ter uma sociedade civil fraca face à política partidária: «Os estudos mostram que Portugal é o país da Europa com a consciência ambiental mais elevada, mas os portugueses fazem

Aos 15 anos, Eugénio Sequeira pediu dinheiro ao pai, que o mandou cultivar dois mil m² de terra. Assim foi

pouco em relação a isso. Há pouca intervenção comunitária, ao contrário do que acontece nos países do Norte, por exemplo. Apenas intervimos em situações pontuais de necessidade extrema ou no círculo familiar», aponta, lembrando que a sociedade civil também tem poder: «A lei de bases do Ambiente saiu do Geota. A reforma fiscal verde começou a ser pensada há 15 anos», conta, lembrando que a própria palavra 'ambientalista' foi forjada no âmbito daquela ONG há 15 anos.

'O solo é a pele da terra'

A área de trabalho de Eugénio Sequeira, de 78 anos, é a «pele da terra» – ou seja, o solo. É no solo, explica o professor universitário e engenheiro silvicultor, por duas vezes presidente da Liga de Protecção da Natureza

e que foi laureado inúmeras vezes pelo seu trabalho em prol do Ambiente, «reside a base de toda a vida na Terra».

Mas vamos ao início. Eugénio Sequeira tinha apenas 15 anos quando percebeu que o seu percurso passaria pela salvaguarda dos recursos naturais. O repto paterno foi directo – e se há momentos que decidem toda uma vida este foi um deles. «Um dia, fui pedir dinheiro ao meu pai. Mas ele não me deu. Disse-me: 'Tens ali dois mil metros quadrados de terra, faz o que quiseres com ela.' Cultivei uma horta e tinha galinhas. Comecei a vender vegetais e ovos...» Ganhou então o gosto pela agricultura, um gosto que o levou, na hora de escolher o curso, a eleger Agronomia, que completou em 1961 no Instituto Superior de Agronomia.

Em 1963, o agrónomo passava a gerir o departamento de Pedologia, ciência que estuda os solos, e que contava então com «mais de 40 pessoas». Pessoas não: especialistas, aqueles «que sabem tudo sobre nada», ri. E continua: «O contrário dos políticos que não sabem nada sobre tudo».

O seu papel, define o próprio, sempre foi fazer a ponte entre estes dois mundos. E resulta. Uma história que o prova: «Em 1947, o poeta Sebastião da Gama viu desmatarem a Serra da Arrábida e escreveu ao entomólogo Miguel Neves. Conseguiu que vários catedráticos, que se reuniram no Congresso de Botânica Peninsular na Serra do Gerês, escrevessem uma carta ao Salazar.



MILENE ELVA

MILENE MATOS estuda a Mata do Bussaco desde 2003

Quando a recebeu, assinada por 200 catedráticos seus colegas, Salazar mandou parar os trabalhos».

Um ano mais tarde, em 1948, nascia a primeira organização de defesa do ambiente da Península Ibérica – a Liga de Protecção da Natureza. Por duas vezes, Eugénio Sequeira foi presidente da associação. Sempre com a consciência «de que a mãe Natureza não perdoa».

Mantem-se, até hoje, uma das principais vozes pela sustentabilidade da agricultura, defendendo incansavelmente a sementeira directa, em que se cultiva sem revolver a terra, evitando a perda de solo. O Alqueva – de que é um dos mais acérrimos críticos – é um dos maus exemplos que encontra nas políticas de ambiente em Portugal não sustentadas. «Nem o solo nem a água subterrânea aguentam», garante.

Hoje, o homem que chegou a ficar suspenso por 15 dias sem direito a ordenado por recusar-se a assinar um Estudo de Impacto Ambiental onde era «obrigado a mentir», fala do «vale muito bonito em Cascais» à sua frente, em risco devido ao PDM da Câmara para a zona, contra o qual tem lutado com todas as forças. Há sempre uma causa.

Paixão pela diversidade da vida

Chama-se Ricardo Serão Santos e passou grande parte da sua vida a investigar a biodiversidade dos Oceanos, sobretudo pela Universidade dos Açores. An-

tes, formou-se em Psicologia em 1979, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, em Lisboa, mas o amor à Natureza estava-lhe «no sangue» desde a infância em Elvas: «Cresci num ambiente de província onde o contacto com a Natureza era o dia-a-dia. As oportunidades de ir pescar com o meu pai para as albufeiras, rios e ribeiras em volta de Elvas foram tempos de magia», recorda o eurodepu-

Portugal é dos países com mais consciência ambiental, mas os portugueses fazem pouco quanto a isso, diz Joanaz de Melo

tado eleito há um ano pelo PS.

A memória chega-lhe ao pormenor: «A descoberta de um pequeno peixe que sobrevivia enterrado na lama quando as ribeiras secavam no Verão, as rãs, os sapos, as osgas, os tritões e os cágados, deixaram-me maravilhado com a diversidade da vida aquática. E todos os Verões me mudava durante um mês para a Póvoa de Varzim onde continuava o meu processo de ligação à vida aquática nas praias e poças de maré». Era a fase da «curiosidade pela vida».

Houve intermediários nesta afinidade: «Na minha infância, houve uma personalidade determinante, o zoólogo e

grande pedagogo espanhol Felix Rodríguez de la Fuente, cujos programas seguia de forma quase religiosa na TV espanhola». Mais tarde, foram os documentários do Comandante Cousteau e de Richard Attenborough.

Já estava na universidade quando percebeu que queria estudar a biodiversidade: «Comecei a estudar Psicologia nos anos do reconhecimento da etologia como ciência, através da atribuição do prémio Nobel a três grandes zoólogos, Konrad Lorenz, Niko Tinbergen e Karl von Frisch. Os seus trabalhos sobre evolução do comportamento, o instinto animal, a comunicação marcaram o rumo da minha vida», lembra.

E a curiosidade pela diversidade da vida de criança venceu. Começou a interessar-se pelo «comportamento sexual e territorial de peixes marinhos»: «Foram os peixes das poças de maré que me levaram ao grande oceano, e o facto de um dia ter ido parar os Açores, onde... é incontornável».

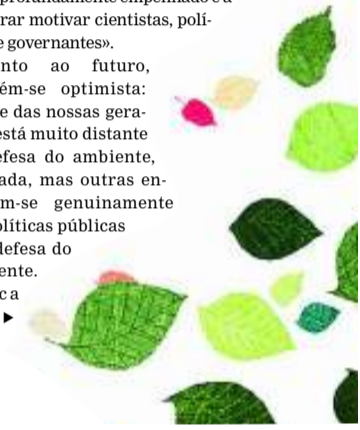
Em 1998, tornava-se investigador principal da Universidade dos Açores, onde dirigiu o Departamento de Oceanografia, participando em inúmeras investigações. «Ainda hoje acho que conheço melhor os Açores debaixo de água que fora desta», confessa.

Hoje, mais afastado do mar, o eurodeputado, de 60 anos, garante: «A paixão não mudou. Apenas o terreno. Já não faço trabalho de campo, não tenho participado em cruzeiros e missões científicas, ainda que procure manter viva a oportunidade

de voltar ao mar e de mergulhar. Continuo profundamente empenhado e a procurar motivar cientistas, políticos e governantes».

Quanto ao futuro, mantém-se optimista: «Parte das nossas gerações está muito distante da defesa do ambiente, alienada, mas outras envolvem-se genuinamente em políticas públicas e de defesa do ambiente.

N u n c a como ▶



antes este fenómeno é mais consistente e resiliente. Também por isso, valorizo muito as ONG».

'BIO somos todos'

Milene Matos faz esta sexta-feira 33 anos e quem olha para ela quase duvida que está a concluir o pós-doutoramento na Universidade de Aveiro, tem uma série de projectos implementados na área da conservação na Mata do Bussaco e uma lista de prémios a acompanhar. Os mais mediáticos chegaram este ano pela mão da Fundação Yves Rocher: Com o projecto 'BIO somos todos' ganhou o prémio nacional (5 mil euros), depois o grande prémio internacional (10 mil euros) e ainda o prémio do público (5 mil euros). Mas Milene não gosta de holofotes.

A ligação à natureza surgiu cedo como uma fuga às dificuldades familiares. «Confortava-me olhar para as coisas, questionar o seu funcionamento».

Daí até à carreira que hoje tem foi um percurso feito com trabalho e dedicação. Aproveitou todas as oportunidades e esforçou-se para fazer mais e melhor: «No quarto ano da licenciatura em Biologia fiz um projecto sobre aves. Esse projecto correu tão bem que os professores publicaram-no em livro. Depois, em 2003, lembraram-se que era oportuno fazer uma candidatura da Mata do Bussaco a Património da Unesco. Como precisavam de informação científica propuseram-me fazer o estágio profissional aqui para estudar as aves que viviam na mata». Em vez de se dedicar só às aves fez «um estudo de todos os vertebrados. Nesse ano detectei mais de 150 espécies. Dito assim parece que não é nada mas é muita coisa: existem cerca de 80 de espécies de aves neste quilómetro quadrado, quando em Portugal existem cerca de 30. O mesmo se passa com os anfíbios: 10 espécies aqui, quando em Portugal inteiro há 17!». Uma descoberta tão importante que o passo seguinte foi prosseguir para doutoramento. E embora tenha sido aceite para o fazer na Amazónia, Milene mudou de ideias à última hora. «A

minha sensação era 'por que é que vou para a Amazónia - que é o sonho de qualquer biólogo - quando aqui há tanto por descobrir?'. Quanto mais investigava mais percebia que era necessário continuar, por isso desisti desse doutoramento e concorri a um aqui». Continuou na região e centrou o doutoramento numa única questão: comparou a biodiversidade da mata com a de uma área em torno de 250 quilómetros quadrados e chegou à conclusão que «o Bussaco é estatisticamente representativo de toda a região centro do país».

Agora, com os 20 mil euros do prémio da Fundação Yves Rocher, Milene quer continuar o trabalho feito. Nomeadamente ao nível do serviço educativo da mata. Trabalha com crianças a partir dos três anos, idosos ou portadores de deficiência e encontra 'trabalho' para cada um desses grupos. Para os invisuais, convida-os a coloca-

«Graças ao serviço educativo mudámos vidas e isso foi, para mim, um feito enorme», realça Milene Matos

rem as sementes em pequenos vasos que depois seguem para os viveiros. Ao seu lado, neste desafio estão reclusos que aqui são trabalhadores como outros quaisquer: «Vestem a mesma farda, trabalham, fazem todas as tarefas e nós não os diferenciamos. Vimo-los interessados e a perguntarem coisas sobre a mata, sobre os seus animais. O contacto deles com a natureza despoletou uma mudança pessoal com influência depois na reinserção social. Felizmente, graças ao serviço educativo mudámos vidas e isso foi, para mim, um feito enorme». Para o futuro pretende fazer um banco de sementes da mata e estabelecer um programas de bolsas de estudo para alunos desde o primeiro ciclo até ao ensino superior, ajudando quer ao nível do material escolar (para os mais pequenos), quer nas propinas. «Sou de origens humildes e a única solução que arranjei para ter outra vida foi estudar, por isso sei o que significa quando alguém nos dá uma oportunidade destas».

sonia.balasteiro@sol.pt
patricia.cintra@sol.pt

UNIDOS PELA 'MÃE TERRA'

Um filósofo; um psicólogo; um engenheiro agrónomo, outro de ambiente; duas biólogas e um físico especialista em clima. Une-os um profundo amor ao ambiente e à 'mãe Terra', a «casa comum» referida pelo Papa Francisco na sua primeira encíclica, em que apela a uma conversão ecológica global.

Um texto do líder «da maior organização católica do mundo dirigido pela primeira vez ao mundo inteiro» e que «é uma enorme predação no charco, ao associar os danos ambientais aos mais vulneráveis», assinala João Joana de Melo, professor de Engenharia do Ambiente e activista convicto.

Viriato Soromenho-Marques, coordenador do mestrado em Filosofia da Natureza e do Ambiente na Universidade de Lisboa, repara que «este é o primeiro documento estrutural da Igreja» sobre algo «tão importante» como a defesa da sustentabilidade, e sublinha a «sua dimensão política», chamando a atenção para o facto de a encíclica ter sido publicada antes da Conferência do Clima em Paris.

O físico Filipe Duarte Santos nota que «num mundo com um ambiente cada vez mais degradado, é inovadora a iniciativa papal ao alertar que este modelo de consumismo não é sustentável». Membro do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas da ONU, acredita que a posição do Papa poderá ajudar a alterar a forma como os políticos do mundo olham para as questões ambientais.

E não apenas os políticos, espera Sílvia Ribeiro, que luta há quase 20 anos pela conservação do lobo ibérico. Influenciará «independentemente da religião» por ser «uma obra isenta e muitíssimo bem fundamentada do ponto de vista científico», acrescenta a bióloga Milene Matos, que tem desenvolvido um intenso trabalho em várias zonas protegidas do país.

Para Ricardo Serrão Santos, eurodeputado e investigador da biodiversidade dos Oceanos, a encíclica é «um dos mais poderosos e lúcidos documentos sobre o ambiente, o desenvolvimento sustentável, as mudanças globais, que transmite uma visão crítica» do actual estado das coisas. Porque, se não mudarmos a nossa atitude, «não vamos ter água nem comida», sintetiza Eugénio Sequeira, ambientalista da Liga de Protecção da Natureza. Todos concordam: É de salvar a humanidade que se trata.

100 METROS PARA O "SEU" VERÃO!

LIPOSHAPER®

SEM ANESTESIA, SEM CORTES, SEM TEMPO DE RECUPERAÇÃO

ELIMINA 100% DO EXCESSO DE GORDURA
E ATÉ 20 CM EM QUALQUER ZONA DO CORPO

+ DE 52.000 CASOS DE SUCESSO



clínica dotempo DR. HUMBERTO BARBOSA

LÍDER MUNDIAL EM ANTI-ENVELHECIMENTO E "LIPOASPIRAÇÃO" NÃO-INVASIVA

PAREDE • LISBOA • PORTO • LUANDA (ABERTO AOS DOMINGOS)
CALL CENTER INTERNACIONAL (+351) 21 458 85 00
info@clinicadotempo.pt • www.clinicadotempo.com

FACEBOOK • LINKEDIN • FACEBOOK.COM/CLINICADOTEMPO • FACILIDADES DE PAGAMENTO